

As MEDIDAS do DESEJO (e da INTIMIDAÇÃO)

Estudo revela como homens relacionam tamanho do pênis de rivais com gravidade da ameaça que representam; mulheres classificaram como mais atraentes figuras masculinas mais altas, com ombros mais largos e genitália maior

» ISABELLA ALMEIDA

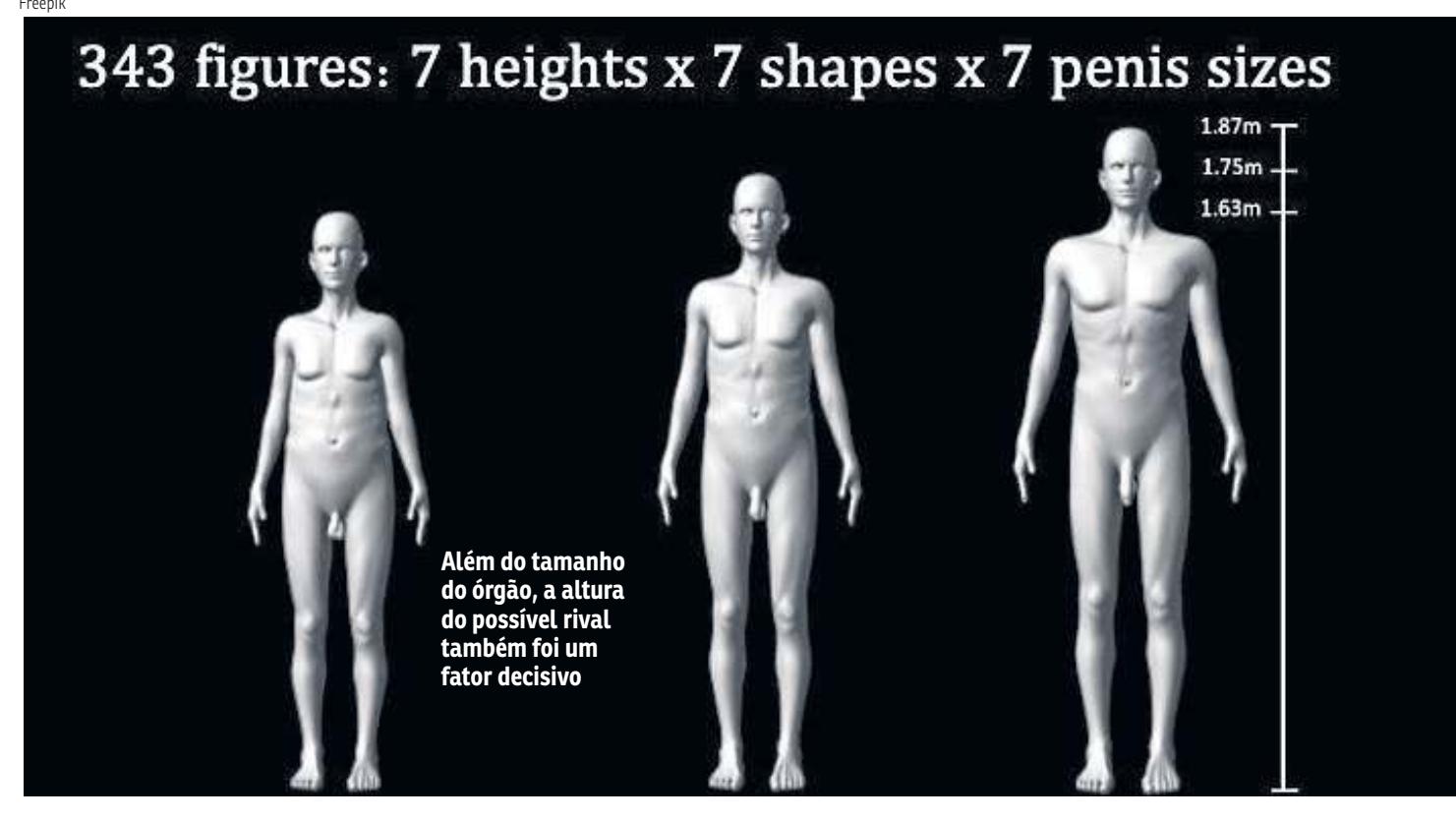
Um estudo feito por pesquisadores da Universidade da Austrália Ocidental e publicado ontem na revista *PLOS Biology* revela que os homens consideram rivais que têm um pênis maior como uma ameaça mais forte, tanto física quanto sexualmente. Além disso, a pesquisa destaca que a altura, o tamanho do órgão genital e a largura dos ombros são fatores relevantes para que uma mulher considere atraente uma pessoa do sexo oposto.

De acordo com a publicação, proporcionalmente em relação ao corpo, o pênis humano é maior do que o de outros primatas, um fato que intrigou biólogos evolucionistas. Antes da invenção das roupas, o órgão era uma característica proeminente que poderia influenciar potenciais parceiros e competidores. Estudos anteriores descobriram que a dimensão do genital pode influenciar o sucesso reprodutivo, afetando a probabilidade de gravidez.

Os pesquisadores afirmam também que, de forma geral, um pênis maior também pode aumentar a atratividade de um macho para as fêmeas e reduzir a probabilidade de brigas com outros machos — sinalizando níveis mais altos de testosterona e, portanto, uma melhor capacidade de luta.

Para investigar a relação entre a dimensão do órgão e a capacidade de atração de parceiros e intimidação de adversários, os pesquisadores solicitaram a mais de 600 participantes homens e 200 mulheres que avaliassem figuras masculinas geradas por computador, variando em altura, formato corporal e tamanho do pênis. As voluntárias foram solicitadas a avaliar a atratividade sexual das figuras, enquanto os homens deveriam analisar o quão ameaçadoras as consideravam, tanto em termos de capacidade de luta quanto como rivais sexuais. As pessoas visualizaram as figuras em tamanho real pessoalmente ou on-line.

As mulheres classificaram como mais atraentes os homens mais altos, com maior proporção entre ombros e quadris — o que indica um corpo em



Duas perguntas para

ARTUR COSTA, psicanalista e professor senior da Associação Brasileira de Psicanálise Clínica

A tendência dos homens de superestimar o que as mulheres consideram atraente pode afetar os relacionamentos e comportamentos sociais?

Sim. Quando o homem imagina que a atração feminina é quase totalmente definida por medidas, ele passa a se relacionar com a mulher como se estivesse em uma avaliação, e não em um encontro. Isso pode gerar

insegurança, ciúme, necessidade de controle e performances para "compensar". Também pode distorcer a comunicação, em vez de perguntar e escutar o que a parceira deseja, ele age baseado em suposições e estereótipos. Socialmente, essa superestimação estimula competição e hostilidade entre homens, reforça piadas e humilhações, e pode levar a comportamentos de risco, exibicionismo e consumo impulsivo de "soluções" milagrosas. No vínculo afetivo, a consequência é previsível: menos intimidade real e mais ansiedade.

De que forma fatores culturais e sociais atuais podem reforçar ou modificar essas percepções evolutivas de ameaça e atratividade?

A cultura pode amplificar o que já existe como tendência de comparação. Hoje, pornografia, redes sociais, memes e "ranking" de masculinidade criam uma vitrine permanente e, muitas vezes, irrealista. Isso reforça a ideia de que corpo é capital social, e de que existe



uma medida "obrigatória" para ser desejável. Por outro lado, mudanças culturais também podem modificar essas percepções: mais educação sexual, discussões sobre saúde mental, novas masculinidades e maior abertura para falar de inseguranças ajudam a reduzir o peso do mito. Em resumo: o instinto pode até sugerir comparação, mas é a cultura que define se essa comparação vira violência simbólica ou maturidade emocional.

Equipe redação

Percepções assimétricas

O psicanalista e especialista em comportamento humano Lucas

Scudeler frisa que um dos achados mais significativos é a assimetria entre percepção masculina e feminina em alguns pontos. "Enquanto para mulheres os benefícios diminuem a partir de certo ponto no aumento desses atributos, os homens tendem a superestimar sua importância ao

avaliar rivais. Isso sugere que parte da ansiedade masculina não decorre diretamente das preferências femininas reais, mas de mecanismos competitivos intrasssexuais ligados à avaliação de ameaça e status."

"Outro aspecto importante do estudo é evitar reducionismos biológicos. Altura e formato corporal exercem influência maior do que o tamanho do pênis na percepção masculina de ameaça, o que enfraquece leituras monocausais e reforça a ideia de conjuntos de sinais, não de um marcador isolado," completou o especialista.

Conforme os cientistas, os resultados sugerem que tanto as preferências femininas quanto a competição com outros machos favoreceram o aumento do pênis, da altura e da largura dos ombros em homens ao longo do tempo. Segundo os autores, o estudo fornece a primeira evidência experimental de que o tamanho do órgão genital é avaliado ao analisar a capacidade de luta e a atratividade de um rival. Além disso, a altura e o formato do corpo tiveram influência maior na forma como a população masculina interpreta os oponentes, demonstrando que o aumento da genitália foi mais fortemente favorecido pela evolução devido ao seu papel na atração de uma parceira.

Michael D. Jennions, coautor do estudo e pesquisador da Universidade da Austrália Ocidental, destaca que, apesar de o pênis humano funcionar principalmente para a reprodução de forma prática, a pesquisa "sugere que seu tamanho incomumente grande evoluiu como um ornamento sexual para atrair fêmeas, em vez de puramente como um símbolo de status para assustar os machos, embora façam ambas as coisas".

Para Artur Costa, psicanalista e professor senior da Associação Brasileira de Psicanálise Clínica, um ponto essencial é que a atração humana é multifatorial. "Medidas corporais podem ter algum papel na fantasia e na primeira impressão, mas não sustentam desejo e vínculo no longo prazo. O que sustenta é presença, segurança emocional, reciprocidade, cuidado e capacidade de escuta."

ONCOLOGIA

Esperança contra câncer de pâncreas

Palavra de especialista

Defeito genético específico

"O aspecto mais revolucionário dessas novas descobertas é a conexão direta com o sistema imunológico. Hoje sabemos que a superexpressão do MYC ajuda o câncer a se esconder das defesas do corpo, criando um ambiente de imunossupressão. Portanto, ao bloquearmos essa via de forma estratégica, fazemos mais do que apenas frear

a proliferação celular: removemos a 'camuflagem' do tumor, permitindo que o sistema imune volte a reconhecer e atacar as células malignas. Esse avanço sintetiza o objetivo central da oncologia moderna, que é unir a medicina de precisão à imuno-terapia. Ao atacar o defeito genético específico e, simultaneamente,

reativar as defesas do próprio paciente, caminhamos para tratamentos que não apenas são mais eficazes, mas que também buscam reduzir os efeitos colaterais típicos das terapias convencionais."

DANIEL VARGAS, oncologista clínico do Hospital Sírio-Libanês de Brasília

crescem rápido e vivem em um ambiente desorganizado, o MYC deixa de se acoplar ao DNA e passa a se conectar ao RNA, uma molécula relacionada à produção de proteínas.

Quando o MYC se liga ao RNA, várias dessas proteinas se juntam e formam aglomerados, chamados de multímeros. Essas estruturas funcionam como pontos de concentração, reunindo outras proteinas em um mesmo local dentro da célula. Nesse ambiente, entra em ação o chamado complexo exossomo, que atua como um sistema de "limpeza" do ambiente celular. Ele elimina resíduos,

principalmente os híbridos de RNA-DNA. Esses híbridos são defeitos do funcionamento genético e, normalmente, funcionam como um sinal de alerta, avisando o sistema imunológico de que algo está errado.

É nesse ponto que o MYC ajuda o tumor a se esconder. Ao organizar a destruição desses híbridos de RNA-DNA com a ajuda do exossomo, o MYC elimina os sinais de alerta antes que o sistema imunológico possa perceber-lhos. Sem esses avisos, a defesa do corpo não é ativada, e o tumor continua invisível para as células de contra-ataque.

Os cientistas revelaram ainda que uma parte específica da proteína MYC, responsável por se ligar ao RNA, é chave desse processo de camuflagem. Além disso, eles notaram que estimular o crescimento do tumor e enganar o sistema imunológico são funções separadas dentro da mesma proteína, o que permite que uma atividade dela seja interrompida, sem afetar a outra.

Para Márcio Almeida, oncologista e membro da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (Sboc), um ponto especialmente relevante é que o estudo conecta oncogênese e



Câncer de pâncreas é um dos mais agressivos

mesmo período e diminuíram 94%, mas apenas se o sistema imunológico dos animais estivesse intacto", afirma Martin Eilers.

Potencial terapêutico

Para Caio Guimarães Neves, oncologista do Grupo Kora Saúde, esse mecanismo de camuflagem das células tumorais pode ser comum também em outros tipos de carcinomas. "A função do MYC como regulador da resposta imunológica e do crescimento celular é relevante para uma variedade de tumores. Isso inclui cânceres pulmonares, colorretais e até de mama, onde a proteína também desempenha papel fundamental no crescimento descontrolado das células. Portanto, entender e bloquear essa interação com o RNA pode se tornar um tratamento aplicável a uma gama mais ampla de doenças."